

UCRÂNIA: A GUERRA QUE O OCIDENTE NÃO QUER VER

Na Ucrânia, a guerra já não se decide apenas no front: a Rússia reduz a vantagem tecnológica, pressiona as artérias logísticas e amplia o desgaste político em Kiev. Em meio à Névoa 2.0, a decisão passa pela capacidade de resistir, repor e manter a coesão.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia gera um paradoxo há mais de quatro anos. Nunca uma guerra convencional pôde ser observada com tal nível de detalhe e, no entanto, poucas vezes foi tão difícil compreender para onde ela caminha. Satélites comerciais, drones, imagens geolocalizadas, comunicados militares, analistas e correspondentes oferecem uma quantidade avassaladora de informações. Vemos quase tudo. Mas ver não significa necessariamente compreender o que está acontecendo. É a Névoa 2.0.

Clausewitz descreveu a incerteza como uma característica inseparável da guerra. Como já mencionamos nesta coluna, essa névoa não provém apenas da falta de informação. Ela também pode surgir do excesso de informação, de sua fragmentação e da velocidade com que circula. É isso que está acontecendo na Ucrânia.

Durante anos, a atenção do Ocidente concentrou-se nos quilômetros conquistados, nas baixas russas, nos sistemas de armas fornecidos a Kiev e nas inovações tecnológicas ucranianas. Tudo isso é importante. Mas, sob essa superfície, começam a convergir outros fenômenos: a

progressiva adaptação tecnológica russa, a crescente vulnerabilidade da retaguarda ucraniana, as dificuldades para sustentar materialmente a guerra e as fissuras políticas em torno do governo de Volodymyr Zelensky.

Não estamos diante de um colapso iminente da Ucrânia. Afirmar isso seria precipitado. Estamos diante de algo diferente: diversos fatores de desgaste, que antes podiam ser analisados separadamente, começam a atuar simultaneamente.

A VANTAGEM DIMINUI

A Ucrânia alcançou, com o apoio da OTAN, uma notável capacidade de inovação. Drones baratos, *software* comercial, inteligência distribuída e comunicações digitais permitiram transformar rapidamente as necessidades do campo de batalha em soluções tecnológicas.

Mas a guerra é uma competição de adaptação.

Eric Schmidt, ex-CEO do Google e profundo conhecedor do ecossistema tecnológico ucraniano, acaba de alertar que essa vantagem está diminuindo. A Rússia teria conseguido combinar inovação com uma capacidade industrial muito superior. Para a Ucrânia, já não se trata apenas de inventar, mas de produzir, repor e implantar em massa.

Uma inovação brilhante utilizada por centenas pode ser superada por uma tecnologia “boa o suficiente”, fabricada às dezenas de milhares. A guerra industrial impõe suas próprias leis. Os drones Geran evoluíram em alcance, velocidade, navegação e aquisição de alvos. Surgiram versões a jato e sistemas mais resistentes a determinadas formas de guerra eletrônica.

A questão já não é quem inventa primeiro, mas quem consegue fechar mais rapidamente o ciclo entre experiência de combate, inovação, indústria e o retorno ao campo de batalha.

A RETAGUARDA DEIXA DE SER RETAGUARDA

Em 13 de setembro, um drone russo atingiu uma locomotiva perto de Yahodyn, na Volínia, a aproximadamente dois quilômetros da fronteira polonesa. Não houve vítimas. Nas proximidades, circulavam trens que transportavam importantes personalidades ocidentais. O coronel austríaco Markus Reisner interpretou o episódio como uma mensagem estratégica russa dirigida aos patrocinadores ocidentais da Ucrânia: “Podemos atingi-los a qualquer momento.”

Mais importante do que determinar se uma delegação era efetivamente o alvo, algo que não pode ser dado como comprovado, é observar onde ocorreu o ataque: praticamente na fronteira com a Polônia.

Os últimos relatórios russos permitem identificar uma sequência. Moscou afirma ter atacado

ferrovias utilizadas para transportar material militar proveniente da Europa, a passagem internacional de Yahodyn, material ferroviário na Volínia, instalações de armazenamento e montagem de drones e infraestruturas de transporte. Ao mesmo tempo, a Rússia comunicou ataques contra um centro logístico em Odessa e contra navios no porto de Chernomorsk vinculados, segundo Moscou, ao abastecimento militar ucraniano.

A SEQUÊNCIA MERECE ATENÇÃO

Fronteira. Ferrovia. Centros logísticos. Portos. Depósitos. Fábricas de drones.

Não parecem acontecimentos desconectados. Desenha-se uma campanha destinada a aumentar a pressão sobre o sistema que abastece o Exército ucraniano.

Em uma guerra prolongada, nem sempre é necessário destruir completamente a infraestrutura adversária. Pode ser suficiente torná-la mais lenta, cara, vulnerável e imprevisível. Cada interrupção obriga a dispersar depósitos, modificar itinerários, proteger locomotivas, multiplicar pontos de armazenamento, reparar instalações e deslocar sistemas de defesa aérea.

O ALVO É O FLUXO LOGÍSTICO

Durante esta guerra, as fronteiras com a Polônia e outros países da OTAN funcionaram como grandes artérias de abastecimento relativamente protegidas. Se a Rússia conseguir estender regularmente seus ataques até esses corredores, a profundidade estratégica ucraniana começará a diminuir. E, se houver pressão simultânea sobre os portos do Mar Negro, a questão ganha outra dimensão. A ideia é aumentar o custo de manter esse fluxo em funcionamento. Essa é precisamente a lógica de uma guerra de desgaste.

NEM TUDO ESTÁ A FAVOR DA RÚSSIA

O terreno, as posições defensivas, os drones e o fogo ucraniano continuam dificultando o avanço russo em diferentes setores. Uma eventual vantagem sistêmica russa não equivale a uma superioridade tática absoluta. A Ucrânia mantém forças capazes de defender posições, inovar e infligir perdas ao adversário. A questão central é outra: qual dos dois lados consegue repor, por mais tempo, homens, armas, munições, energia, infraestrutura e vontade política?

E é aí que surge outra frente.

O DESGASTE CHEGA A KIEV

Iuliia Mendel não é uma opositora qualquer. Ela foi secretária de imprensa de Zelensky entre

2019 e 2021 e, posteriormente, tornou-se uma crítica severa de seu antigo chefe. Em maio, concedeu uma longa entrevista a Tucker Carlson, na qual questionou o funcionamento do governo, denunciou corrupção e afirmou que Zelensky havia se tornado um obstáculo para uma solução negociada.

Algumas de suas acusações pessoais são difíceis de verificar e não devem ser tomadas como fatos. No entanto, o episódio ganhou outra dimensão quando, em 13 de setembro, Zelensky impôs sanções de 10 anos contra Mendel, incluindo o congelamento de ativos e restrições econômicas.

A ex-porta-voz reagiu acusando o presidente de utilizar mecanismos extraordinários contra cidadãos ucranianos críticos e afirmou que seu país precisa de paz, e não de outra ditadura.

Não se trata de aceitar automaticamente a versão de Mendel. Trata-se do sintoma.

Uma pessoa que pertenceu ao círculo presidencial denuncia, de fora, o funcionamento do poder e acaba sendo sancionada por esse mesmo poder. Isso ocorre enquanto diversos escândalos de corrupção atingem pessoas ligadas ao entorno do governo e o problema volta a ocupar um lugar central no debate interno. Após quatro anos de guerra, a coesão política também constitui um recurso estratégico. Zelensky mantém a legitimidade institucional e o apoio ocidental, mas governa uma sociedade exausta, submetida à mobilização, perdas humanas, ataques constantes, dificuldades econômicas e uma guerra cujo fim não se vislumbra.

A PERGUNTA É INEVITÁVEL

Quanto desgaste externo um sistema político pode absorver antes que esse desgaste penetre em seu interior? A guerra que se mostra. Aqui retornamos à Névoa 2.0.

Uma parte importante da narrativa ocidental continua privilegiando a guerra que pode ser mostrada: veículos destruídos, drones atingindo alvos russos e novas remessas de armamento. Todos esses fatos existem. Mas existe também a guerra que não cabe em um vídeo de 30 segundos.

A capacidade de fabricar milhares de drones. A reposição de mísseis. Os interceptadores disponíveis. Os homens que podem ser mobilizados. As ferrovias que precisam de reparos. A energia para enfrentar mais um inverno. O dinheiro para pagar a guerra. A continuidade da ajuda externa. A confiança da população. A coesão das elites. Esse conjunto é menos espetacular, mas é possivelmente onde o conflito está sendo decidido.

A Rússia também fabrica sua própria névoa. Moscou e Kiev travam, simultaneamente, uma guerra militar e uma guerra pela interpretação da guerra. Por isso, é necessário olhar além de ambas as narrativas.

QUANDO TUDO CONVERGE

Não há elementos suficientes para afirmar que a Ucrânia esteja à beira de um colapso. Existem, sim, razões para questionar se vários processos estão começando a convergir.

Desgaste tecnológico: a Rússia parece ter reduzido parte da vantagem inovadora ucraniana.

Desgaste operacional: a retaguarda ocidental começa a enfrentar uma ameaça crescente.

Desgaste material: homens, defesa aérea e munições constituem recursos necessariamente finitos.

Desgaste político: as controvérsias sobre corrupção, as críticas internas e o caso Mendel revelam tensões que já não podem ser consideradas irrelevantes.

E sobre todos eles atua um quinto elemento: a Névoa 2.0, que permite conhecer cada árvore e, ao mesmo tempo, perder de vista a floresta. Talvez o dado mais importante da guerra na Ucrânia não esteja hoje em uma determinada localidade do Donbass. Pode estar em uma locomotiva atacada a dois quilômetros da Polônia, em um porto do Mar Negro, em uma fábrica que produz milhares de drones ou nas crescentes disputas dentro de Kiev. O Ocidente continua olhando principalmente para o *front*. Mas a guerra já deixou de ser travada apenas lá há muito tempo.

Publicado no [La Prensa](#).

**Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colegio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
